



WILSON DAHER

ESPECTROS

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2023

CAMPO MINADO

Quatro anos. A coisa, durante quatro anos se escondeu de mim. Ou não, talvez. Agora que ela me despertou, eu desperto para a consciência de que eu me escondi da coisa, até então silenciosa no cantinho em que resolveu se instalar. Quatro anos de puro silêncio, de esquecimentos e de indiferença, de silêncio agora quebrado, com seus ruídos intermitentes, suas pontadas que estalam como marteladas no meio da noite, a coisa deixou de se esconder, se desvela mesmo nestas horas silenciosas, quando me vêm estes pensamentos intrusos, que devoram meu sono e alimentam meu medo. Ele, de branco, me mostra a imagem nítida, perfeita, que mais parece um rio e seus afluentes, um deles terminando em pequena abóboda, uma lagoa onde cessa a correnteza que ameaça romper suas margens, que ainda se sustentam por algum milagre do meu corpo maculado.

Não é mais um aneurismazinho, ele me fala com ar de consternação, talvez um pouco forçada, que eu entendo como uma flechada certa em meu cérebro combalido, mas vejo que tem que ser assim mesmo, desse jeito que ele tem para dizer coisas que arrasam, mesmo para um cirurgião tarimbado torna-se uma arte mesclar a frieza clínica dos

fatos a uma tentativa de empatia que nem sempre funciona. Então eu estou ali à sua frente, sempre uma mesa que nos divide e nos mostra nosso verdadeiro lugar, alguém ao meu lado me dando força com um aperto de mão, eu esperando o veredito como um réu que já está entendendo sua pouca chance de absolvição. Ou talvez uma pena menor, para que não me sinta descendo a ribanceira, lagoa abaixo, inundada por uma possível enchente.

Vamos fechar essa bexiga na tua cabeça, se concordar, é claro, do outro lado da mesa ele me fala, enquanto brinca com a caneta entre os dedos, seu olhar oblíquo sobre nós dois de mãos dadas e suadas pela angústia do momento. Ou se concordarem, agora ele olha para minha filha, que entende a mensagem e olha com ar de tristeza para meus oitenta e quatro anos, sem nada para dizer, apenas sentir o peso de um instante que se debruça sobre meu corpo, meu cérebro que se torna um campo aberto, onde flui uma correnteza que desagua na pequena lagoa. Palavras, agora, seriam como pisadas perigosas em campo minado, eu aperto sua mão e esboço um ligeiro sorriso de cumplicidade. Ele se levanta e o recado fica explícito para nossa retirada.

Sáímos e caminhamos pelo corredor bem iluminado, onde à direita e esquerda situam-se outros vários consultórios, percebo que é uma clínica grande e mais me certifico disso ao olhar a sala de espera gigantesca, repleta de gente à espera, a maioria de idosos com suas bengalas,

seus companheiros ou companheiras também vergados e desgastados pelo tempo, suas cadeiras de rodas que exprimem bem o medo de minha possível nova realidade.

E então vô, você me vem à memória que fisga coisas de setenta anos atrás, você cuidava de mim, você cuidava da ninhada de netos e netas, você saía da cama antes do sol e antes das galinhas, você rachava lenha, atiçava o fogo, coava o café e buscava o pão quente na padaria da esquina. Você cuidava, mas não se cuidava, você subia num velho caminhão de seu compadre, você ia com ele buscar tijolos em Ubarana, você enfrentava, sem reclamar, o sacolejo do caminhão naquelas estradas ora barrentas, ora empoeiradas, você era feliz, você negava a saudade do Líbano, página virada, você amava o Brasil, o Brasil te acolheu na terra que te engoliu em certa tarde de verão. Você tinha oito netos, vô Ibrahim, eu nutria a fantasia de ser seu predileto, mas agora entendo que era um desejo, pois você amava a todos com sua bondade, com seu carinho sempre presente, sua infalível presença nas horas difíceis da família.

Mas você me deixou sua marca, vô, e agora atravessando esta imensa sala de espera, eu penso no meu desejo antigo, que agora se concretiza às avessas, você deixou para mim esta herança de um rio na minha cabeça, um rio se detendo na lagoinha que não suportará a força das águas por muito tempo. E quando romperem suas margens, as águas inundarão o caminho tortuoso de meu cérebro.

Água, Água. Talvez não queira usar a palavra sangue, porque o sangue me lembrará você em mil e novecentos e cinquenta e dois. Eu tinha catorze anos e, desde então, nunca aprendi como lidar com perdas. Não sei se alguém sabe lidar com perdas. Mas isso agora nem sei se importa, meu sentimento de perda foi carimbado com o veredito de minutos atrás e eu ainda não pensei se tenho como lidar com isso. Você não teve este veredito, vô, Deus te pregou uma peça antes de qualquer aviso, eu xinguei Deus e o padre que te benzia, depois que o vimos estatelado sobre o chão do quintal, à beira do chiqueiro onde tantas vezes você derramava a lavagem para a pequena manada de porcos que você criava. Eu me lembro, vô, eu me lembro da expressão triste e arrasada no rosto de seu filho, meu pai, quando o médico constatou o derrame fatal, enquanto com o lenço enxugava o suor da testa, naquela tarde calorenta. Infelizmente teve um derrame, disse aos meus pais com certo ar de condolências e você, vô, que deu sua vida por todos naquela pequena cidade, teve que se contentar com um derrame cerebral, não foi o que seria dito, hoje, que carrego comigo sua herança, uma possibilidade de um AVC, de uma hemorragia, aí sim, derramada pela ruptura de um aneurisma que poderá não sustentar suas barragens. Você, vô, caiu morto no chão do quintal porque tinha um defeito em alguma pequena artéria, como o tenho hoje, mas só podiam saber, naquela época, que houve um derrame de sangue inundando sua cabeça. E você morreu estatelado

no chão brasileiro que tanto amava, enquanto entoávamos choros e rezas alternados com condolências de maktub, Deus sabe o que faz, Deus quis você, vô Ibrahim, você não poderia pertencer somente aos humanos. E eram falas que tentavam amenizar a dor da perda que só o tempo amenizaria, e era numa cidadezinha qualquer que você morreu de derrame, onde você foi comentado em rodinhas de velhos patrícios durante poucas semanas, para depois acontecer o que sempre acontece. E sempre que eu tinha que retornar às aulas do Internato, você me acompanhava até a velha e empoeirada jardineira para a viagem de volta. Agora, vô, me vem à memória a primeira vez que subi os degraus daquela jardineira e, voltando meu olhar, soube que você não estava lá, então me pareceu que ninguém estava lá, acho que poderia ter ouvido alguns ruídos mais distantes das lojas dos turcos se abrindo àquela hora, você levava na brincadeira aquela coisa de turco, mas você não gostava e fingia não se importar com o rótulo que migrou do seu passaporte para a boca do povo. Mas isso não importava mais, quando subi os degraus daquela jardineira, senti que o que importava era a realidade dura, você teve um derrame, eu hoje posso ter um AVC. Simples assim.

Eu me recosto na cabeceira da cama e tento ler José Lins do Rego, enquanto ouço cair na noite uma chuva delicada. Fogo Morto. Este livro, entreaberto à luz de um abajur, me traz recordações distantes, da morte de meu avô, do choro

seco de meu pai, das orações de minha mãe, dos lamentos de minha avó. Há vezes em que me lembro do tabuleiro do taule, esquecido sobre um móvel da sala de visitas, e vejo então meu avô sentado frente ao meu pai, jogando e dialogando algumas banalidades sobre os vestígios do dia. O taule acabou, ficou esquecido como uma bola de futebol que murchou e nunca mais entrou em campo. Foi então, meu pai, que você resolveu abrir mão do Fordinho do seu Cabrera para as idas à fazenda e comprou um dos carros da moda: uma perua Aero Willys entornada com uma barra vermelha. À vista. Você tinha horror a dívidas, só comprava o que podia pagar na hora, nunca se aventurou a voos mais distantes, mais arriscados, eu achava estranho que não se desse o direito de alguma transgressão, exceto a de alguma talagada de pinga antes das refeições e de um cigarro da marca Elmo vez por outra. Você nunca acompanhou os patrícios nas noites festivas do dabke, era justo e sério demais para meu entendimento juvenil, só tinha o senso do dever, da obrigação de dar conta daquela filhara-da que já começava a sair do ninho, mas você e a mãe continuavam estendendo suas asas, amparando durante anos nossa caminhada. E você e minha mãe começavam a se orgulhar daquilo que a gente conquistava. Não era muito, eram pequenas conquistas, mas havia o orgulho das conquistas de um imigrante pobre, de um quase menino que resolveu emigrar de um país dominado pela guerra, pela fome, pelo frio, mal abrigado da neve intensa para um país

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em setembro de 2023.
